

Dr. FRANCISCO DE SIMAS ALVES DE AZEVEDO
da Sociedade de Geografia de Lisboa
e da Académia Internacional de Heráldica

O BRASÃO DE ARMAS DO REINO DO ALGARVE E ALGUMAS DAS SUAS FONTES CARTOGRÁFICAS



PORB
SD

SEPARATA DO BOLETIM
DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA
Jan.º-Junho 1984

4995
100049950000
929.6
AZE*Bra

O Brásão de Armas do
Reino do Algarve e Algumas
das suas fontes
cartográficas - Azevedo.



Casa da Cultura António Bentes
S. Brás de Alportel 2-4
Biblioteca
Livro n.º 1831 Cota n.º 2-4

Museu do Trajo
São Brás de Alportel
Centro de
Documentação

O BRASÃO DE ARMAS
DO REINO DO ALGARVE E ALGUMAS
DAS SUAS FONTES CARTOGRAFICAS



Oferta atenciosa do
Autor à
Biblioteca da
Universidade de
Algarve.

O BRASÃO DE ARMAS *Fr. Mota,*
DO REINO DO ALGARVE E ALGUMAS *Junho*
DAS SUAS FONTES CARTOGRÁFICAS(*) *1986*

Dr. FRANCISCO DE SIMAS ALVES DE AZEVEDO
(da Sociedade de Geografia de Lisboa
e da Academia Internacional de Heráldica)

No conjunto das províncias ainda portuguesas, duplamente coroado é o Algarve, coroado pela História, coroado pelas antigas instituições.

Coroado pela História, pois no seu território, na sua cidade de Lagos, na sua ponta de Sagres, viveu e actuou o imortal infante Navegador, o patrono desta Comissão — daí a razão de aqui estar lendo estas linhas.

Coroado pelas antigas instituições, pois, única no Portugal europeu, ostentava o título de reino.

E se se verificava unicidade do Algarve na sua titulatura real, igualmente a mais nenhuma província do Portugal europeu foi atribuído brasão de armas, daí a razão de — como heraldista, que sou — me estar ocupando do assunto.

Direi agora que considero esta comunicação uma modestíssima contribuição para as merecidas homenagens ao ilustre cartógrafo almirante Teixeira da Mota, pelos motivos seguintes.

Em primeiro lugar, porque se verifica a particularidade assinalável de serem mapas as principais fontes para o estudo das armas do Algarve. Assunto nas fronteiras da Heráldica e da Cartografia, julguei lícito escolhê-lo para a minha homenagem pessoal de heraldista a um eminente cartógrafo.

Esta comunicação integrou-se numa homenagem ao saudoso homem de ciência almirante Teixeira da Mota e foi elaborada, em boa parte, a partir de consultas ao importante património cartográfico da biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa.

E eminente cartógrafo esse a quem precisamente uma tentativa de relacionar Cartografia e Heráldica mereceu interesse e aplauso. Reporto-me à sua intervenção quando da minha comunicação sobre brasões em mapas antigos portugueses, realizada no colóquio «Panorama e perspectivas da cartografia portuguesa», realizado por esta Sociedade em 1979.

Lembrarei que já nessa comunicação recordei o facto de serem cartográficas as mais abundantes e divulgadas fontes para o estudo das armas do reino do Algarve.

A mais antiga representação dum brasão de armas atribuído ao reino do Algarve de que tenho conhecimento, de momento, é numa gravura que faz parte da curiosíssima obra *Arco de Triunfo de Maximiliano* (1515) (1), da autoria de Dürer, e outros.

Do lado direito da árvore genealógica, entre os cinquenta e um escudos dos territórios adquiridos, ou pretendidos, pela casa de Áustria, por via dos casamentos borgonhês de Maximiliano e espanhol de seu filho, encontram-se dois que passo a descrever:

a) Três cabeças, glabras, de perfil, de turbante, o escudo encimado por coroa aberta e esta por um listel em que se lê «Algalbi»;

b) Esquartelado, no 1 e 4, uma cabeça igual às das armas anteriores, 2 e 3, busto de rei barbado, com coroa aberta, o escudo, analogamente, encimado por coroa aberta e esta por um listel em que se lê «Algisire».

Por sua vez, um manuscrito da biblioteca do Escorial, de letra do século XVII, intitulado *Recogimiento de nobleza que tracta de los linages de España con otras cosas muy curiosas ...*, no seu capítulo *Los reinos de que se intitula el rey de España* (2), lê-se:

«Algarves: campo de plata com III cabeças de moro de sable, mirando al primer canton y tocadas de plata.

Algeciras: tral cuartelado, el primero de oro con una cabeça de moro de sable, tocada de plata, y el segundo de azul con un busto de rey de oro, coronado de lo mismo.»

Segue, como se vê, o *Arco de Triunfo*, acrescentando-lhe cores que não serão as mesmas que se verão noutras fontes; o azul será efectivamente substituído, frequentemente, pelo vermelho, o busto será de carnação, coroado e vestido de ouro.

Todas as outras fontes, que conheço, destas armas atribuirão ao Algarve o que nas acabadas de citar se atribui a Algeciras.

As razões do aparecimento, no século XV, deste tipo de armas — *atribuídas, não usadas*, por qualquer entidade oficial, o que é importante assinalar — filiam-se, é bem de crer, na elaboração das grandes composições artísticas com armas de vários reinos ou feudos, unidos nas monarquias do fim da Idade

Média, de que é excelente exemplo o citado *Arco de Triunfo* e os desenhos do mestre W. A. para as decorações de Bruges quando do casamento de Carlos, o *Temerário* (3).

Aos territórios que não têm armas, ou por só terem tido dinastia privativa em época pré-heráldica, ou por não terem pertencido à civilização cristã, quando autónomos (caso do Algarve e de regiões espanholas), atribuem-se, inventando, aumentando assim o número das chamadas «armas fabulosas».

Temos aqui, portanto, um facto que algo deve a fenómeno — filiável no Absolutismo — de exaltação do soberano pela exibição dos atributos de seus domínios, numerosos se possível, e, também, em atitude digamos imperialista, salientando — exprimindo simbolicamente — a subordinação de diversos e diferentes territórios a um só chefe.

Subordinação em vários casos mais teórica e de pretensão que real e verificada.

Assim, no nosso caso, Maximiliano não foi soberano do Algarve. Apenas seu filho, pelo casamento rei de Castela, poderia hipoteticamente invocar as ultrapassadas pretensões daquela coroa ao território algarvio.



Embora breve e susceptível de revisão, desenvolvimento e ampliação, o capítulo sobre as armas do Algarve da obra de Armando de Matos, *Evolução Histórica das Armas de Portugal* (4), é precioso, pois, tanto quanto sei, é um dos dois únicos trabalhos publicados sobre o assunto [o outro, o que adiante referirei, é um interessante parecer de Afonso Dornelas sobre o brasão de armas da cidade de Silves (5)].

Aponta Armando de Matos dois presumíveis modelos das referidas armas.

Um é o «selo de Iahudah ben Iaioch ibn Iahia, judeu notável ... do tempo de D. Afonso Henriques», selo que não descreve, dizendo apenas que o «arranjo heráldico» das armas do Algarve em tal selo possivelmente se teria originado (6).

No caso de dizer respeito, como creio, ao mesmo judeu a informação transcrita na nota 6 e aceitando-a, pelo menos na atribuição ao referido indivíduo do símbolo descrito, tal selo teria apenas uma cabeça, que seria, possivelmente, o retrato do usuário, como é próprio de numerosos selos medievais.

O outro presumível modelo que Armando de Matos aponta para as armas do Algarve é o escudo (que figura no contra-selo) dos reis de Aragão que ostenta as armas que se descrevem completamente: de prata, cruz vermelha firmada, cantonada de quatro cabeças de mouro, de perfil, de negro. Destas armas — inventadas no fim do século XIII — para o reino de Aragão (ficando as até então usadas para o rei de Aragão) se fez uso oficialíssimo até princípios do século

XVI, concretamente de 1281 a c. 1516, mostra-o muito bem o grande sigilógrafo Sagarra na sua monumental *Sigilografia Catalana* (7).

Armando de Matos alude, aliás, às ditas armas do reino de Aragão de modo confuso e erróneo, devido, em parte, a estar influenciado pelo que sobre o assunto escreveu o cronista espanhol seiscentista Zurita.

Diz: «Este arranjo heráldico possivelmente originado do selo de ... judeu notável ... do tempo de Afonso Henriques, ou, talvez, mais tarde, no escudo com as quatro cabeças de reis mouros, ordenado por Pedro I de Aragão, em memória de quádrupla vitória.»

Ora essa «quádrupla vitória» é, segundo o referido autor espanhol, a batalha de Alcoraz (daí a designação de «armas de Alcoraz» dada, às vezes, a esse brasão) que efectivamente teve lugar em 1096, durante o reinado de Pedro I (e portanto não seria «mais tarde» em relação a Afonso Henriques), época francamente prematura para o uso de armas heráldicas.

Só pode afirmar-se, desenvolvendo o já dito, que as armas com as quatro cabeças não aparecem antes de D. Pedro III de Aragão (r. 1276-1285) e se mantiveram em uso até ao último rei aragonês, Fernando, o *Católico*, falecido em 1516 (8). A cruz é a de S. Jorge, venerado pela monarquia aragonesa.

Referindo-se-lhes, oficialmente, D. Pedro IV de Aragão (r. 1336-1387) dirá nas suas «Ordinacions» que são as armas do reino de Aragão, e o mesmo dirá D. Afonso V de Aragão (r. 1416-1458) (9).

Lembrarei, a propósito, que as armas da Sardenha e da Córsega, regiões algum tempo de influência aragonesa, ostentam igualmente cabeças de mouro (que os artistas do *Arco de Triunfo* desenharam iguais às das armas do Algarve).

São quatro cabeças cantonando cruz vermelha em fundo de prata, para a Sardenha, como nas armas reais aragonesas, uma em fundo de prata ou ouro, para a Córsega.

Julgo que, dada a proximidade no tempo, e a evidentemente muito maior divulgação do selo real aragonês, em uso durante mais de dois séculos, do que a do selo do notável judeu, verosimilmente só usado em sua vida, aquele deverá ser o modelo das armas do Algarve, se realmente um deles tiver de ser ... Outras hipóteses se poderão talvez apresentar.

Assim, parecê-me poder admitir-se ter havido na génese das armas do Algarve um caso de *similarização*. Trata-se de fenómeno admitido por modernos heraldistas, de formação científica (10), que consiste na influência exercida por determinadas armas quando da elaboração, ou modificação, de outras.

Ora no esquartelado Castela-Leão, quartéis de fundo de cor alternam com quartéis de fundo de metal, cada contendo apenas uma figura, a de cor em fundo de metal, e necessariamente vice-versa. Ou seja, o esquartelado sendo um e quatro de vermelho, castelo de ouro, dois e três de prata, leão de púrpura, poderá ter influenciado o esquartelado um e quatro de ouro, cabeça de mouro,

de negro, dois e três, de vermelho, cabeça coroada de ouro (ou de carnação, coroada de ouro); acrescenta-se que a púrpura é por vezes representada por negro.

Deve notar-se que o esquartelado Castela-Leão é uma combinação de duas bem conhecidas armas que tiveram existência independente, historicamente indiscutível, antes de nos aparecerem juntas.

Por seu lado, o esquartelado Algarve — primitivamente atribuído ao reino de Algeciras, como se viu — parece ter surgido, digamos, já feito.

Isto a não ser que o consideremos — reportando-nos ainda ao que se desenhou no *Arco de Triunfo* e se descreveu no manuscrito espanhol seiscentista — uma combinação de um dos elementos das armas que lhe são primitivamente atribuídas (cabeça de mouro em fundo de prata), mas mudando-se a cor de fundo para ouro, com as apresentadas como sendo do rei de Jaen (de azul, busto de rei, de ouro, coroado do mesmo).

Combinação, aliás, de que não vejo, de momento, qual a razão de ser, dada a distância que vai do Algarve a Jaen ...

A atribuição de cabeças de mouro a zona em que estes permaneceram cinco séculos não parece, aliás, ter exigido grande imaginação a quem tenha inventado estas armas. Quanto à cabeça de rei (cristão) ou rainha, é um elemento que se encontra na heráldica municipal (por exemplo os casos de Coimbra, talvez, e de Burgos, certamente) e não só na hispânica, já antes do século XVI. A partir de tais presenças, facilmente se organizariam armas fabulosas.

E ... o problema não fica resolvido, sendo evidentemente desejáveis novas achegas a juntar às que trago.



Deixando, por ora, o problema das suas origens, vejamos um pouco mais sobre as suas fontes.

Diz acertadamente Armando de Matos que o brasão de armas do reino do Algarve se encontra predominantemente — mas não exclusivamente, acrescento — em mapas dos séculos XVII e XVIII.

Sem, nem por sombras, querer apresentar um inventário exaustivo de tais mapas, vou indicar alguns de que tenho conhecimento, adquirido, em boa parte, por investigações no importante património cartográfico da biblioteca da nossa Sociedade.

São:

Num mapa da Península Ibérica, creio que espanhol, datado de 1560, de que não posso dar mais elementos dado conhecê-lo apenas de reprodução em bilhete-postal, que nada informa, vê-se sobre a superfície do Algarve um escudo encimado por coroa aberta e que parece ser um esquartelado de azul e ouro, cada quartel com uma cabeça.

No atlas (*Atlante*) de Coronelli, obra de que o exemplar pertencente à biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa tem escrito a lápis a data de 1689, no mapa do «regno di Portogallo» figuram dois escudos, saindo de conchas, um com as armas de Portugal, outro as do Algarve (esquartelado de prata e vermelho, na prata, cabeça negra, no vermelho cabeça de ouro), ambos encimados por coroa aberta e tendo como tenentes tritões. As cores indicadas se encontrarão na totalidade (com uma excepção) dos mapas referidos em seguida.

No mapa *Nova Regni Portugaliae et Algarbiae descriptio ... Le royaume de Portugal et des Algarves ... par le Sr. Sanson, geographe du Roy, a Paris chez H. Jaillot, 1695* (11), já os escudos ostentam coroa real fechada.

No mapa *Rēgnorum Portugalliae et Algarbia*, de Carel Allard, impresso em Amsterdão, no século XVII (segunda metade desse século, creio eu, tenho em vista características das armas de Portugal), segundo informa o catálogo da exposição de cartografia realizada na Biblioteca Nacional de Lisboa em Janeiro-Fevereiro de 1982, e, também, a indicação manuscrita do exemplar da biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa, o escudo das armas do Algarve, sem coroa, está envolvido por uma fita verde em que se lê «Algarbiae ins.», as armas (ou insígnia) do Algarve.

No mapa *Novissima Regnorum Portugaliae et Algarbiae descriptio emendata a F. de Wit, Amstelodami*, muito provavelmente também do século XVII (11), os escudos de Portugal e do Algarve, justapostos, ambos com coroa real fechada, estão cingidos por fitas lilases em que se lê «Port. insigne», «Algarbe insigne», preocupação de esclarecimento da heráldica representada, que se viu também no anterior.

Na *Carte nouvelle de la partie meridionale du royaume de Portugal et des Algarves*, dessinée ... par Jean Covens et Corneille Mortier, Amsterdam... (12), de que apesar de diligências feitas me não foi possível averiguar a data da edição, mas que julgo ser contemporânea do governo de D. Pedro (depois II) (1665-1706), o escudo das armas do Algarve, com coroa aberta, liga-se por uma elegante fita, com laços, aos do rei de Espanha (casa de Áustria, incluindo Portugal), do rei de Portugal (assente sobre a cruz de Avis e envolvido pelo colar da O. de Cristo), do reino da Andaluzia (o de Sevilha simplificado), do rei de Castela-Leão, e, ainda, aos dos reinos de Toledo e Granada.

Numa edição do célebre *Portugallia (et Algarbia) quae olim Lusitania*, de Fernando Álvares Seco, a de Joannem Jansonium, de Amsterdão, sem data (13), que julgo seiscentista, e de que possuo um moderno fac-símile, as armas do Algarve, são um escudo esquartelado, excepcionalmente sem indicação das cores dos fundos dos quartéis, levando no um e quatro, a cabeça de mouro, de perfil de negro, com turbante branco, e no dois e quatro, cabeça, de frente, de ouro, barbada de branco, e coroada de ouro; coroa aberta acima-o.

No mapa *Nova Regni Portugalliae et Algarbiae descriptio ... a Joahne de*

Ram (11), também sem data, mas também possivelmente seiscentista, o escudo das armas do reino do Algarve, ladeado por palmas, é encimado por coroa real fechada.

O mais antigo mapa datado do século XVIII de que posso dar notícia ostentar as armas do reino do Algarve é o *Portugalliae et Algarbia Veteris Hispaniae quondam pars quae Lusitania ... a Petro Schenck, Amstelodami 1703* (11).

Outro fac-símile moderno que possuo é o do *Regnum Portugalliae ... una cum Regno Algarbiae ... per Joh. Bapt. Homannum*. O autor era geógrafo do imperador do Santo Império e o mapa foi editado em Nuremberga em 1736. Apresenta as armas de Portugal e Algarve em escudos justapostos, encimados por uma grande coroa real fechada comum aos dois; as palavras «Portug.» e «Algarbia» imprimiram-se — preocupação de completa identificação — junto dos respectivos escudos.

O mapa *Regna Portugalliae et Algarbiae ...* por Tobias Conrad Lotter, editado em Augsburg em 1762, de que tenho presente uma reprodução em bilhete-postal, e que esteve patente na exposição realizada na Biblioteca Nacional de Lisboa por ocasião do 2.º centenário do marquês de Pombal, em 1982, apresenta as armas dos reinos de Portugal e do Algarve, ambas em escudos encimados por coroa real fechada, inclinados um para o outro.

Citarei em seguida os mapas de Portugal-e-Algarves e de Espanha-e-Portugal no «Atlas de Matthoe i Seutteri», editados entre 1750 e 1775, segundo a informação dada por Afonso de Dornelas no seu parecer já citado, no qual diz que se vêem as respectivas armas coroadas, sendo no primeiro o fundo do primeiro e quarto das armas do Algarve de ouro e no segundo de prata.

(Parece-me evidente que não houve por parte deste investigador uma correcta transcrição dos nomes dos autores do atlas que consultou. Realmente «Matthoe» parece nome alatinado, por outro lado «i» não é a forma latina da conjunção copulativa.)

Posterior ao referido por Dornelas é uma mapa que há meses se encontrava à venda na Livraria Histórica e Ultramarina de J. C. Silva (Almarjão): *The Kingdoms of Portugal and Algarve from Zannoni's Map by J. Lodge ... Published 12 May 1794 by Laurie and Whittle, 53 Fleet Street, London*. Esta curiosa publicação, inglesa, mas aproveitando informações italianas, mostra-nos os escudos de armas de Portugal e do Algarve justapostos, com coroa real fechada comum aos dois.

Antes de prosseguir lembrarei que a ideia de dois escudos justapostos, Portugal e Algarve, com coroa comum, deve ter como modelo análoga disposição em monumentos franceses com as armas reais de França e Navarra, reinos unidos desde a subida ao trono francês de Henrique, rei de Navarra, IV de França, em 1589.

É altura de acrescentar ao que diz Armando de Matos referência a que no

século XIX vamos ainda encontrar as armas do reino do Algarve num mapa, pelo menos.

Foi tal mapa publicado pelo meu Ex.^{mo} Amigo e ilustre Confrade Dr. Alberto Iria (14). É uma carta do «Reyno do Algarve», parte de um atlas publicado em 1813, existente na Biblioteca Pública de Évora. Acompanha a legenda — como na maior parte dos já referidos — um escudo, excepcionalmente elíptico, não encimado por coroa, mas ladeado de palmas, com as armas do Algarve.

Mas não apenas em mapas nos surge a heráldica do reino algarvio, outras fontes poderão ser citadas.

Assim a própria ilustração do capítulo, já citado, da obra de Armando de Matos é, creio poder garantir, reprodução de pormenor da vista de Lisboa de George Balth. Probst, da primeira metade do século XVIII, gravura de que um exemplar esteve patente na exposição realizada no Museu da cidade de Lisboa por ocasião do 2.º centenário do marquês de Pombal, em 1982. São dois escudos lado a lado, Portugal e Algarve, ambos com coroa fechada.

No códice manuscrito iluminado do grande heraldista seiscentista Francisco Coelho, rei-de-armas da Índia, intitulado *Tesouro da Nobreza* (1676), segundo citação de Afonso de Dornelas no seu já referido parecer, figuram as armas do reino do Algarve, «mas com o campo todo de prata, apesar de um traço horizontal e outro vertical darem o aspecto de esquartelado ... as quatro cabeças em duplicado». Esta duplicação das cabeças é um lapso explicável por má interpretação duma descrição não muito rigorosa.

Outra fonte — bem curiosa — posso citar. É uma folha volante (creio) de que possuo antiga fotocópia (cuja origem ignoro) intitulada *Staat-, Maat-, en Ryskundige Spigel van Spanje en Portugaal ...* título em holandês, que é seguido pela sua tradução em francês: *Table Geometrique, Politique, Heraldique et itineraire d'Espagne et de Portugal ... composé par A. Allard*. O local da edição é Amsterdão; a data, essa sugere-a o texto (holandês) dizendo, a respeito de Portugal, que este se tornou independente da Espanha em 1640 com João IV, «avô do actual rei», o que implica que esta fonte data de 1706-1750, reinado de D. João V.

Apesar do acabado dizer, a *Table*, que assim se vê ter sido impressa durante o reinado do primeiro ou segundo Bourbon de Espanha, é ilustrada com composições heráldicas que evocam o apogeu — já passado — da casa de Áustria.

A águia bicéfala do Santo Império levando o escudete da Áustria sobreposto é acompanhado por dezasseis escudos (encimados cada, por coroa real aberta) de reinos (ou zonas equiparadas) peninsulares. O 4.º é o de Portugal (15), o 14.º é o do Algarve ... (16).

Outro imponente brasão de armas ilustra esta folha: é o do rei de Espanha, da casa de Áustria, incluindo Portugal, cingido pelo colar do Tosão de Ouro

e acompanhado pelas cruces das ordens monástico-militares portuguesas e espanholas.

Em pleno século XIX, 60 anos depois do mapa publicado pelo Dr. Alberto Iria, a importante obra *Portugal Antigo e Moderno*, de Pinho Leal, dá uma descrição — aliás com um pequeno erro: busto de mulher em vez de busto de rei cristão — das armas do reino do Algarve. Note-se que o mesmo erro é cometido pelo *Dicionário de Portugal*, 1904, de Esteves Pereira. O desuso que na época se vai verificando em relação a estas armas explicará tal erro.

E ... há seis décadas representaram-se os escudos justapostos Portugal e Algarve na parte posterior da capa do *Armorial Português* de Santos Ferreira, edição de 1920-1923, aliás com os quartéis trocados (mas não os respectivos fundos), dando-se assim precedência à cabeça do rei cristão sobre a do mouro... (17) É um excelente desenho do notável artista-heraldista João Ricardo Silva (18).

Conta Afonso de Dornelas, no seu parecer, ter recomendado a Santos Ferreira que incluísse as armas do reino do Algarve no seu *Armorial Português*, o que este fez, da maneira que se vê, que foi feliz.

Efectivamente, não sendo as armas do reino do Algarve as de uma família portuguesa não seria metodologicamente muito correcto inclui-las entre os apelidos da letra A, no armorial.



Além das «quatro cabeças» também tem sido atribuído ao Algarve o seguinte: de vermelho, nove, ou sete, castelos de ouro, postos 3,3,3 (ou 1.2.1.2.1).

Figuras e cores derivadas evidentemente da bordadura das armas reais, que, há séculos se diz, e mal, ter sido acrescentada às suas armas por D. Afonso III devido a ter conquistado o Algarve (e tomado a título de rei dos Algarves).

Na realidade — e hoje já ninguém, informado sobre a evolução das armas reais portuguesas, o pode pôr em dúvida —, deu-se o contrário: desde o século XVII se atribui ao reino do Algarve aquilo que o futuro conquistador do Algarve acrescentou às armas usadas pelo irmão D. Sancho II, quando veio a Portugal substituí-lo no governo como visitador e defensor do reino, não rei (19).

Os brasões de armas usados pelo sucessor de D. Sancho II, nas diferentes fases da sua carreira, estão já, felizmente, estudados e divulgados por vários autores dignos de crédito (20).

Não vou retomar o assunto, aqui, lembrarei apenas que castelos [de ouro em fundo vermelho (21)] figuram já, e em disposição análoga aos das armas do Algarve — indiscutivelmente —, no seu brasão como conde de Bolonha, quando, senhor feudal francês, não pensava certamente voltar a Portugal, ser seu rei, e ... conquistar o Algarve.



Também se podem apontar fontes cartográficas para estas armas.

No já citado mapa seiscentista de Carel Allard, de Portugal e Algarve, o escudo de armas de Portugal está sobreposto à cruz de Avis, envolvido pelo colar da Ordem de Cristo, encimado por elmo, coroado e timbrado pelo dragão real português, e tem como suportes dois dragões, um segurando uma bandeira com as quinas, outro uma bandeira vermelha com nove castelos amarelos. A segunda bandeira pretende simbolizar o Algarve, e é curioso verificar que, no mesmo mapa, se representaram as armas das quatro cabeças.

Modalidade inesperada destas armas é a que figura num *Mappa geographico da provincia do Alentejo e do Reino do Algarve (Portugal)*, da autoria de Charles Bonnet «engenheiro, encarregado de trabalhos geológicos em Portugal, etc.», datada de 1851, publicada em apêndice à notável obra do meu prezado amigo e antigo colega Artur Teodoro de Matos, *Transportes e Comunicações em Portugal, Açores e Madeira (1750-1850)* (22).

Dois escudos lado a lado se podem ver ornando esta carta geográfica: o da cidade de Évora, com a indicação de «Alentejo» e de vermelho (?), sete castelos de ouro (?) em orla, com a indicação de «Algarve».

O autor da modalidade entendeu que as armas de Portugal se devem interpretar como sendo um escudo de prata com cinco quinas (simbólico de Portugal propriamente dito?), sobreposto ao que se descreveu que seria o do Algarve. Declaração oficial portuguesa menos de 40 anos anterior, que adiante comentarei, será talvez a causa de curiosa concepção de Charles Bonnet ou ... do seu conselheiro heráldico.

Fonte não cartográfica mas particularmente importante destas armas do Algarve é o já citado *Tesouro da Nobreza* do rei-de-armas da Índia Francisco Coelho que as inclui tal, como se viu, as das cabeças.

Tenho presente em fac-simile (23) página deste armorial e se lê o seguinte título: «Armas de algumas Cidades e das Conquistas de Portugal», sob o qual, em primeiro lugar, legendado de «armas do Reyno dos Algarves», um escudo vermelho com nove castelos de ouro, postos 3,3,3.

O que se vai dar, porém, em 1816, poderá considerar-se uma oficialização, ainda que «retroactiva», das armas «dos castelos».

Efectivamente naquele ano, El-Rei D. João VI, por carta de lei, ordena as novas armas do novo Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves; nos «considerandos» desse documento oficialíssimo diz-se que «o senhor Rei D. Afonso III, de gloriosa memória, unindo outrora o Reino dos Algarves ao de Portugal uniu também as suas armas respectivas».

Como esta carta de lei determina que às armas então concedidas ao reino do Brasil sejam sobrepostas as armas de Portugal (quinas e castelos), pode-se imaginar, por analogia, e tendo em vista a citação acima, que antes as armas de Por-

tugal se tinham sobreposto às do Algarve. Tal raciocínio explicaria a modalidade que figura no mapa do engenheiro Bonnet.

É notar que se dão casos de atribuição simultânea destas duas armas, as das quatro cabeças e as dos castelos.

Simultaneidade que se mostra bem nem umas nem outras terem valor oficial, nem podiam ter, dada a estrutura administrativa portuguesa tradicional, que embora mantendo o título de reino ao Algarve não lhe consentia entidades governativas que o não fossem por delegação do governo central e, portanto, que fariam uso das armas reais que vão sendo as do Estado.



Não estou encarregado por ninguém, nem creio que ninguém o esteja, por enquanto, de fazer uma escolha no sentido de qual a emblemática a oficializar para uma hipotética futura Região Autónoma do Algarve.

Direi apenas que *ambas* as armas do reino do Algarve apresentam conteúdo simbólico e evocativo, não de desdenhar.

Nas dos castelos lembra-se, por parte das suas armas pessoais, quem consumou a integração do território na Pátria portuguesa.

Nas das cabeças, em feliz e sintética expressão, muito heráldica, lembra-se a combinação das civilizações cristã e muçulmana, que, aliás, não se deu só na região onde viveu, e actuou, o nosso patrono, o infante de Sagres.

NOTAS

(*) Comunicação feita na sessão de 31 de Outubro de 1983 da Comissão Infante D. Henrique.

(¹) Que consultei na bela edição de 1972 da Dover Publications, Inc., New York.

(²) Transcrito na obra *Heraldica general y fuentes de las armas de España*, por Ignacio Vicente Cascante, Barcelona 1956, pág. 533.

(³) Ver, por exemplo, reprodução em *Le grand livre de l'Héraldique*, pelo Dr. Otfried Neubecker, págs. 188-189, Paris e Bruxelas, 1977.

(⁴) Porto, 1939, capítulo XVI.

(⁵) Aprovado na sessão de 3 de Junho de 1925 da Secção de Heráldica da Associação dos Arqueólogos Portugueses e publicado na excelente revista *Elucidario Nobiliarchico*, vol. I, 1928, pág. 11 e seguintes.

(⁶) Quero crer que a este mesmo judeu se refere a afirmação de Adolfo Benarus, em *Os Judeus*, pág. 94: «Nas conquistas de Afonso Henriques, o rei ... aproveitou-se do concurso dos judeus, e em paga de serviços recebidos de um dos judeus mais nobres de Portugal, Yahia ben Yaish, cedeu-lhe propriedades importantes e permitiu-lhe o uso de brasão, que representava um campo, tendo ao centro uma cabeça de mouro.»

Claro que esta afirmação não é integralmente de aceitar, dado o anacronismo da alusão a uma concessão de armas em pleno século XII.

(⁷) Barcelona 1915, lâminas XVIII, XX, XXI, XXIV, XXVI, XXVII, XLIII, XLIV, XLVI, XLIX, e pág. 135 do vol. I.

- (⁸) Tal uso é ressuscitado, momentaneamente, em 1707, pelo pretendente austriaco ao trono espanhol — Carlos III para seus partidários —, que as fez figurar no seu contra-selo. Ver, por exemplo, *Le grand livre de l'Héraldique*, já citado, pág. 122.
- (⁹) Ver a obra citada na nota 7, a pág. 115 do vol. I, e a citada na nota 2, a pág. 421.
- (¹⁰) *La similarisation, un côté oublié des études héraldiques*, por Sven Tito Achen, nas comunicações ao IV Congresso de Genealogia e Heráldica, Viena, 1970. A este assunto se referiu, entre nós, em conferência recente, o meu prezado amigo e confrade Dr. Manuel Artur Norton (barão de S. Roque).
- (¹¹) Existe na biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa.
- (¹²) Publicada, em parte, na colecção *Tempos Idos*, volume sobre o Algarve, Lisboa, 1972, estapas 2 e 3.
- (¹³) Não é a de 1560 (de Roma) que não tem brasões, nem a de 1600 (idem) que tem diferente legenda.
- (¹⁴) Em *Da Importância Geo-Política do Algarve na Defesa Marítima de Portugal*, nos séculos XV a XVIII, Lisboa, 1976, entre as págs. 144 e 145.
- (¹⁵) A seguir a Castela, Leão, Aragão.
- (¹⁶) Último dos *reinos*, dá-se-lhe, no entanto, precedência sobre a Catalunha e o País Basco, que receberam os 15.º e 16.º lugares, respectivamente, o que se compreenderá dado serem *condado* (de Barcelona) e *simples senhorio* (de Biscaia).
- (¹⁷) Afonso de Dornelas, no seu parecer já citado, considera esta troca muito acertada, não explicando a razão de tal opinião. Diz: «Este distinto heraldista (Santos Ferreira), compreendendo imediatamente que sobre o campo d'ouro é que devia estar o Rei branco coroado e sobre o vermelho o Rei negro de turbante, foi assim que mandou desenhar, apesar de ser de opinião que as armas de domínio não devem ser esquarteladas.» Ora a verdade é que, segundo fundamental lei da arte heráldica, uma figura negra não deve assentar em fundo vermelho, mas sim de ouro ou prata. Já a cabeça do rei branco, sendo representada de «carnação», beneficia, segundo os tratadistas, de excepção a esta lei, sendo lícito representá-la em fundo de esmalte (ou seja de cor) ou metal.
- (¹⁸) Com obra do qual quem assina esta linhas ainda teve o privilégio de ilustrar um artigo.
- (¹⁹) Portanto, não devendo usar as mesmas armas, para evitar confusões, político-militarmente perigosas numa época de heráldica viva, largamente utilizada em bandeiras, selos de autoridade, etc.
- (²⁰) Citarei Paul Adam-Even, o barão Hervé Pinoteau, o marquês de São Payo, D. Faustino Menéndez-Pidal de Navascués.
- (²¹) Multiplicação da figura «falante» que adoptara Afonso VIII de Castela, avô materno do nosso Afonso III, e de que o primo direito do «Bolonhês», São Luis de França (Luis IX), tanto uso fez, homenageando a mãe, Branca de Castela, tia e protectora, em França, do futuro conquistador do Algarve.
- (²²) Ponta Delgada, 1980, mapa VIII.
- (²³) Publicada na excelente obra (infelizmente ficou incompleta) *Armorial do Ultramar Português*, por F. P. de Almeida Langhans, Agência-Geral do Ultramar, Lisboa 1966, 1.º fascículo.



Fig. n.º 1

Trecho do Arco de Triunfo de Maximiliano: brasões dos reis de Maiorca, Sevilha, Sardenha, Córdova, Córsega, Múrcia, Jaen, Algarve, Algeciras, Gibraltar-e-Canárias, Índias-e-ilhas-do-mar-oceano, Quinze ilhas



Fig. n.º 2

Desenho das armas do reino do Algarve, muito inspirado no da *Carte nouvelle* ... de Jean Covens

